

## **A CULTURA DO SYMPOSION: PERCUSO HISTÓRICO E REMINISCÊNCIAS NOS ATUAIS MODELOS DE EVENTOS ACADÊMICOS.**

### **THE CULTURE OF SYMPOSION: HISTORICAL PATH AND REMINISCENCES ON NOWADAYS ACADEMIC EVENTS MODELS .**

#### **Resumo**

Este trabalho pretende demonstrar a importância da alimentação na História, descrevendo o symposion e seu legado. O que era uma reunião de amigos intelectuais para beber vinho após o jantar, plena de rituais, expressava a religiosidade de um povo em torno do consumo do vinho - um alimento sagrado. Com o passar do tempo o symposion perdeu sua sacralidade, e os rituais, oblações e oferendas aos deuses chegaram até nós na forma de eventos acadêmicos onde os estudiosos podem trocar conhecimentos, levantar propostas, e abordar problemas sociais. A sacralidade do consumo do vinho evoca-se na solenidade do evento acadêmico, na mesa ocupada pelos palestrantes, à qual todos os olhares da plateia se voltam. Perceber os sinais, significados e alegorias substitutivas dos símbolos é importante para organizadores e participantes de encontros acadêmicos porque expressa seu motivo fundante: acreditar que algo precioso, sagrado, está sendo compartilhado pelos admitidos à cerimônia.

**Palavras-Chave:** Vinho. Reunião. Poesia. Symposion. Simpósio.

#### **Abstract**

This study intends to demonstrate the importance of food on History, describing the symposion and its legacy. What was an intellectual friends' meeting to drink wine after dinner, plenty of rituals, expressed by its turn the religiosity of a people around the wine consumption – a sacred food. As time went by, the symposion lost its sacrality, rituals, oblations and offerings to the gods, and came to us in the form of academic events where scholars can exchange knowledge, raise proposals and approach social problems. Wine's consumption sacrality is evoked on the solemnity of an academic event in the form of a table occupied by the speakers on whom all looks on the pit concentrate. To perceive the signals, meanings and allegorical amendments of the symbols is important to both organizers and participants of such meetings, because it expresses its basic aim: to believe that something precious, sacred is being shared by those admitted to the ceremony.

**Key-words:** Wine. Meeting. Poetry. Symposion.

#### **Introdução**

Nossas pesquisas bibliográficas permitiram um maior aprofundamento no tema da alimentação, tomando como foco principal o vinho como alimento.

Os hábitos e ritos alimentares de um grupo em um determinado momento histórico permitem entender vários aspectos e costumes daquela sociedade - cultura, religião e sua arte, como no caso das crateras para vinho, que serão mais exploradas adiante. Compreendemos também quais desses hábitos chegam até nós modificados, e aqui trataremos

especificamente do symposium, onde o consumo do vinho era central no rito. Traçaremos o seu percurso histórico, as influências sofridas e o significado deste evento na sociedade atual.

“O symposion teve várias funções – políticas, inclusive. Mas até o limiar do helenismo a poesia dá ao symposion sua significação profunda. A poesia narra a cerimônia do vinho no momento em que acontece; a mesma poesia via aedo lança uma ponte entre o presente e o passado. O symposion será o patrimônio poético grego. No correr do século IV a.C. ele passa a ser também palco das discussões filosóficas. A obra que conhecemos como O Banquete, de Platão, chamava-se originalmente Symposion.” (TUCHERMAN, 2010)



O Symposion originou-se na Grécia arcaica, quando o braseiro de forma circular cedeu o seu lugar central nas reuniões entre amigos para as luxuosas e trabalhadas crateras de vinho. Essas crateras serviam como cenário para reuniões de homens e hoje nos são subsídio histórico, onde as suas pinturas e esculturas norteiam um melhor entendimento sobre a cerimônia, contando-nos algum aspecto do que ocorria nos seus rituais. Há vários modelos de crateras, dos mais simples, em cerâmica e decorados com pinturas modestas, aos mais luxuosos, confeccionados como verdadeiras obras de arte, ricos em detalhes e generosamente banhados a ouro.



Os Symposion, já na época homérica, eram reuniões masculinas para escutar relatos de guerras e poesias. “...no mundo Homérico, após o banquete, os chefes reuniam-se em conselho de guerra ou para um momento de descanso, durante o qual escutavam os relatos de seu hospedeiro ou o canto do citaredo.”

Além das crateras, outras fontes para o estudo dos Symposions são as obras homéricas, e segundo os poemas de Alceu (630-580 a.C.) essa “cerimônias” foram primeiramente praticadas nas ilhas do Egeu. Relatam os momentos de descanso dos guerreiros, regados a muito vinho, alegria e descontração. As poesias recitadas durante o symposion ganhavam status de sacralidade, pois não poderiam ser declamadas em nenhum outro momento.

“O momento de descanso dedicado somente ao consumo do vinho é de tal forma codificado que a poesia monódica a ele associada não podia ser recitada em qualquer outra circunstância.” (VETTA, 1998)

Os ritos iniciais sempre se iniciavam por libações aos deuses, cantos e bastante vinho.

Em ocasiões de comemoração, o vinho não era oferecido a Baco (deus do vinho), mas sim a Zeus (deus principal), e homenageava-se Apolo (deus da juventude), num círculo

fechado de participante, sempre sob um juramento (*synomosia*) que transformava o grupo de bebedores em associação política. (VETTA, 1998)

As reuniões em volta da cratera caracterizavam-se pela ausência de hierarquia, exibindo a forma circular, com a cratera de vinho ao centro, demonstrando que todos tinham o direito a falar e a ser ouvidos por seus companheiros, hospedeiros e hóspedes, sem uma liderança formal pressuposta.

A cratera continha uma mistura de vinho e água. Segundo Montanari (1998) cada grupo tinha a sua proporção de mistura, cabendo a cada evento uma fórmula considerada mais propícia.

“A mistura de duas medidas de vinho e uma de água de que fala Alceu em um dos seus fragmentos, certamente a propósito de uma ocasião excepcional, é muito rara e tem até alguma coisa de bárbaro. A mistura de água e do vinho em medidas iguais é perigosa, porque provoca rapidamente embriaguez. É usada, porém, quando o espírito de divertimento é apropriado em relação ao aspecto cerimonial, e isso é muitas vezes, mencionado pelos autores dramáticos do século IV. Outras misturas tem efeitos menos excitantes, tais como duas medidas de água para uma de vinho, recomendada por Hesíodo e Plutarco; este último acredita que essa proporção representa o verdadeiro equilíbrio.”(VETTA, 1998)

No momento da escolha do *simposiarca*, um membro da roda é escolhido pelo grupo para ocupar esse cargo apenas durante aquela reunião, podendo ser reeleito nas futuras, com a incumbência de escolher o tipo de mistura de a ser consumida. Também será responsável por fazer com que um membro beba mais que outros como uma espécie de castigo ou prenda. O eleito funciona como o coordenador, nada deixando faltar e garantindo que todos se divirtam e, acima de tudo, é quem de direito inicia os discursos. Em *O Banquete*, de Platão, quando se procedia à escolha do *simposiarca*, propôs-se a ideia de beberem não de modo imposto mas de maneira moderada, e cada um a seu tempo. Aristófanes disse então: “... Vede então de que modo poderíamos beber o mais comodamente possível”. Aristófanes disse então: - É bom o que dizes, Plausânias, que de qualquer modo arranjaríamos um meio de facilitar a bebida...” nesse pequeno trecho podemos perceber a angústia dos bebedores para que a bebida não os prejudicasse durante a performance em seus discursos. Na obra de Platão não nos é dado o tipo de mistura foi utilizado, porém fica claro o desejo dos participantes em beberem pouco ou algo mais suave, devido a episódios anteriores de embriaguez. Como solução, o *simposiarca* decide que beberão de acordo com a sua vontade e disponibilidade, e que os discursos seriam sequenciados: “Se então a vós vos parece assim, poderíamos muito bem entreter o nosso tempo em discursos; acho que cada um de nós, da esquerda para a direita, deve fazer um discurso de louvor ao Amor, o mais belo que puder, e que Fedro deve começar primeiro, já que está na ponta e que foi o pai da ideia. ( PLATÃO, 2001. p.4)

Com o passar das eras, modificações ocorreram, como as contribuições silenas que enfraqueceram a marca religiosa da reunião, onde a preparação prévia do ambiente e a purificação das pessoas revestia-se de grande valor. Segundo Vetta (1998), logo após o banquete, assim ocorria antes dos silenos:

“Trazem as mesas, purifica-se o chão e, depois da ablução das mãos distribuem-se aos participantes guirlandas, que eles põem em volta da cabeça, do pescoço e das taças. Símbolo de iniciação, a coroa é o sinal perfeito de uma comunidade fundada na libação. Depois que a sala é preparada, tal como uma cena de teatro, inicia-se a fase sagrada do encontro, provavelmente pela ephemia, uma forma de silêncio e de recolhimento que predispõe ao contato com os deuses. Antes de misturar a água e o vinho na cratera, cada participante recebe uma taça de vinho puro, do qual derrama um pouco, em louvor a seu bom espírito (*agathos daimon*). Esse gesto sagrado funda o vínculo comunitário e consagra a união destinada a ficar gravada em suas memórias.” (p.177)

A cratera, posteriormente, perdeu o seu valor simbólico de união e igualdade e desapareceu da cena. Resta uma grande mesa, instaurando a partir de então a imagem de hierarquia - inexistente no princípio, mas ainda remontando à comunhão de idéias ou propósitos entre os que a compõem. A dessacralização do evento abriu espaço para a dita cientificidade, bloqueando expressões emocionais ou individualmente criativas. O formato moderno do simpósio mantém sua função de discutir os problemas da sociedade de maneira aberta e franca, porém sem a participação igualitária de todos, pois tornou-se um acontecimento acadêmico restrito às pessoas estudiosas do assunto ou da área em debate com autoridade para expor.

Suas derivações são o colóquio – onde a diversificação dos temas debatidos é maior e a composição da platéia ouvinte é variada, e o congresso – onde o número de expositores e a platéia são expressivamente aumentados e a relevância social do evento, também. O seminário ocupa, como variante acadêmica, a posição de ocasião para expor idéias ou experiências ainda embrionárias, que conttenham subsídios suficientes para se desenvolver até o ponto de serem apresentadas em uma das outras modalidades acadêmicas.

## Conclusão

Os costumes gregos de trocar idéias para enriquecer o conhecimento do mundo interno e externo ao ser humano mantêm-se até hoje. Refletir sobre as mudanças dos fundamentos destes costumes permitiu-nos, junto aos alunos, debater sobre como se constrói a ciência e as razões pelas quais religião e conhecimento científico ainda são considerados incompatíveis, embora não o fossem no princípio, e quais as consequências advindas desta postura de investigação da realidade.

As cerimônias gregas que subsidiam os atuais modelos de simpósio chagaram-nos obviamente completamente modificadas. Os simpósios atuais não partem da premissa da igualdade entre os participante, mas de uma hierarquia muito bem definida, com uma mesa de apresentações e debates dirigidas por um grupo fechado. Os assuntos são expostos de forma piramidal (de cima para baixo) e apenas ao final é dado aos expectadores o direito de se manifestar, dentro de padrões de etiqueta e protocolo.

## Referências

FLANDRIN, Jean – Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1988.

GURINELO, Noberto Luiz. **A Civilização do vinho. Um ensaio bibliográfico**. São Paulo: Editora da PUC, 2009.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Simp%C3%B3sio>

IMAGEM 1 (cratera). Disponível em: < [http://www.heladeweb.net/N2%202002/alexandre\\_carneiro.htm](http://www.heladeweb.net/N2%202002/alexandre_carneiro.htm) >  
Acesso em 15.02.2012.

IMAGEM 2 (cratera grega). Disponível em: < <http://historia-da-ceramica.blogspot.com/2009/03/cratera-grega.html> > Acesso em 15.02.2012.

PLATÃO. **O Banquete**. Disponível em: [http://www. file:///C:/site/livros\\_gratis/o\\_banquete.htm](http://www.file:///C:/site/livros_gratis/o_banquete.htm) (35 of 35) Acessado em 28/06/2001.

TUCHEMAN, Ieda ; **Gastronomia, Cultura e Mídia: o longo percurso** “Você é o que você come”. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGCOM, 2010.